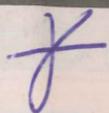


A116785

José Francisco Bernardino Freitas

É professor de mestrado em Arquitetura e Urbanismo da Ufes



/// O comentário do vendedor acerca da “curva” da Penha guarda uma ironia que demonstra que a população reconhece seus patrimônios

Penha o quê?

Outro dia, na saída de uma loja na Avenida Nossa Senhora Penha, ouvi um vendedor comentar com o outro apontando para um trecho da avenida: “O nome aqui não pode ser mais Reta. Aquela curva ali, ‘ó!’”. Pois é, a Reta da Penha não é mais reta. A esse respeito, em outra oportunidade, indignei-me com o que denominei “capitalidade”, ou o magnetismo de Vitória em atrair para si investimentos em benefício de seu desenvolvimento. Benefício, pois sim! Muitos desses investimentos acabam resultando mesmo em malefícios.

Naquela ocasião, questionei os muitos impactos causados à cidade por vários empreendimentos, inclusive aqueles que a construção da Petrobras poderia trazer à Capital. Com esse, contudo, eu não contava!

Em toda oportunidade de decisão por investimentos dessa natureza em território da Capital capixaba, a atitude dos que detêm o poder é fazer o impossível para que ele se viabilize. Fica pra depois ver no que dá. Foi assim, quando Muniz Freire decidiu pela expansão da cidade na Ilha de Vitória, ainda que alertado pelo autor do projeto dos ônus de sua “corajosa iniciativa”.

Foi também assim, quando ficou decidido que o porto se estabeleceria na Ilha e, não no continente, como recomendavam alguns relatórios técnicos. Foi ainda o caso da expansão das atividades siderúrgicas nos limites municipais, mesmo com a oposição do ambientalista Augusto Ruschi.

Enfim, o que dá é que ventos acabam trazendo pó de minério para a cidade, mangues desaparecem por aterros, vias acabam esgotando sua capacidade de circulação resultando em congestionamentos de veículos, e assim vai.

E eu, que pensava que só os defensores da memória da cidade – quase sempre acusados de “românticos” – é que se indignavam. O comentário do vendedor acerca da “curva” da Penha guarda uma ironia que demonstra que a população reconhece seus patrimônios – que estes fazem parte do imaginário coletivo – e que também vem observando as concessões feitas pelo poder público.

O que talvez o vendedor ainda não consiga vislumbrar é que concessões, como a de alterar o traçado de uma avenida centenária projetada em linha reta para dar destaque a um dos monumentos mais importantes do Estado, o Convento da Penha, e permitir o aterro de mangues que acabam colocando em risco a tradição do caranguejo na mesa capixaba e alterando contornos da Capital, para dar lugar a mais um empreendimento, podem estar, pouco a pouco, minando a identidade dessa gente. Vamos conviver com mais essa?